

A semente que gerou a Re-Fazenda

Pedro Manuel Agostinho da Silva, o Pedro Agostinho, antropólogo, professor da Universidade Federal da Bahia e diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia, 48 anos, nascido em Portugal e radicado no Brasil desde 1947, fala sobre o pai, Agostinho da Silva, 80 anos, lembrando a importância das idéias que ele disseminou em Portugal, parte da América Hispânica e Brasil. Nos 25 anos (1944 a 1969) que passou em terras brasileiras, George Agostinho Baptista da Silva, deixou marcas indeléveis em colegas e discípulos que com ele conviveram em Penedo, Itatiaia, Rio e Niterói, num primeiro momento, depois em João Pessoa, onde a convite de José Américo de Almeida, fundou a Faculdade de Filosofia da Paraíba. Viveu um ano em São Paulo (1954), onde organizou a grande exposição do 4º Centenário da cidade. Em 1955, foi para Florianópolis, onde fundou a Faculdade de Filosofia Catarinense. Em 59, mudou-se para a Bahia, onde fundou o Centro de Estudos Afro-Orientais, que contou com significativo apoio da Unesco, respaldou as relações de Brasil e África durante o governo Jânio Quadros, e sobrevive, ainda hoje, como importante centro de estudos afro-orientais e afro-brasileiros.

Em 1961, Darcy Ribeiro, que preparava a nova Universidade de Brasília e cuidava, no MEC, da reforma universitária, convidou o professor Agostinho para instalar, na nova capital, o Centro de Estudos Portugueses. Um centro, destaca Pedro, que "fosse uma extensão, no Brasil, da cultura e do povo português". Até 1969, Agostinho da Silva permaneceu na UnB, à frente do Centro de Estudos Portugueses, influenciando discípulos como Olympio Serra, Roberto Pinho, Luís Pontual, e trocando idéias com colegas como o filósofo Eudoro de Souza e os professores João Evangelista e João Ferreira.

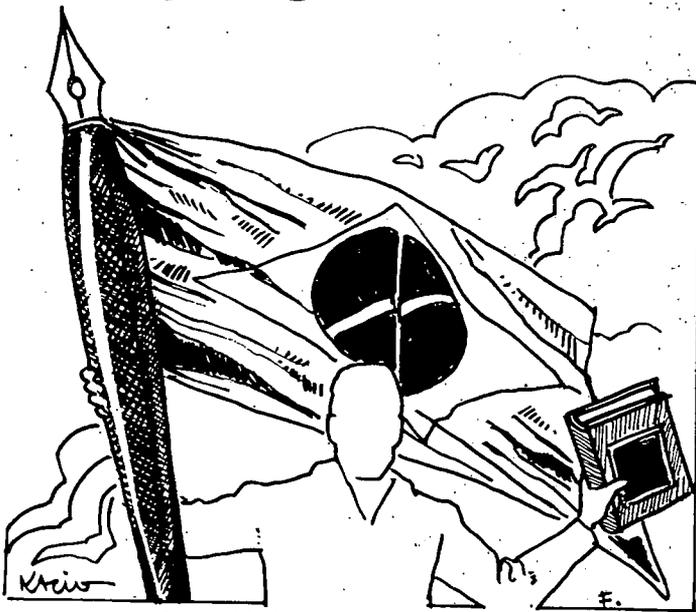
Cansado com o desinteresse da nova administração da UnB, depois das sucessivas crises de 1965 e 1968, Agostinho resolveu — embora já fosse naturalizado cidadão brasileiro — retornar a Portugal. Lá, permanece, desde então, trabalhando e assessorando instituições como a Fundação Calouste Gulbenkian, o Ministério da Educação e a Universidade Técnica de Lisboa.

Quando regressou a Portugal, Agostinho ia em busca de apoio à instituição sonhada por ele e seus discípulos brasileiros: a Fundação Atlântica de Cultura. O apoio não se concretizou e o projeto ficou no plano do sonho.

LINGUA PÁTRIA

Para Agostinho da Silva, como dizia Fernando Pessoa, "Minha Pátria é a língua portuguesa". E que país, hoje, é o centro de gravidade da língua portuguesa? O Brasil, responde Pedro Agostinho. E acrescenta: "por isso, meu pai acredita e defende a necessidade de se aproximar, cada vez mais, Brasil, Portugal e os países africanos que têm a língua portuguesa como pátria".

Para explicar as idéias do professor Agostinho, que tanta influência teve sobre o grupo



que fundou a Comunidade Rural da Guariroba, Pedro lembra que, numa primeira fase, seu pai, que não era católico, dedicou-se, com afinco, a estudos e reflexões teóricas baseado no racionalismo. Com a vinda para o Brasil, nos anos 40, e a conversão para o catolicismo, em meados dos anos 50, Agostinho passa a desenvolver suas reflexões na linha do "racionalismo místico".

Pedro explica os fundamentos desta linha de pensamento: "sedimentado nas idéias do Quinto Império, um império utópico, que não se situa num ponto geográfico definido, e pugna pela liberdade, criatividade e igualdade social, meu pai aprofundou seus estudos. Partiu das idéias do frade beneditino Joaquim de Flora, que no século XII formulou concepções que tiveram enorme influência sobre pensadores medievais, e mais tarde, sobre o Padre Antônio Vieira, e neste século, sobre o poeta Fernando Pessoa".

Pedro lembra que as idéias de Joaquim de Flora, se gerou esta vertente erudita (Vieira, Pessoa, Agostinho); gerou, também, uma vertente popular, que está por trás do culto ao Espírito Santo. No Brasil, este culto popular está claro em manifestações como as Festas do Divino e as Cavalhadas de Pirenópolis.

Joaquim de Flora defendia um evolucionismo de base teológica que para seu tempo — plena Idade Média — era considerado herético. Para ele, a história da humanidade (e ele só conhecia a humanidade de tradição judaico-cristã) se dividia em três fases: a Idade do Pai, vivida pelos judeus do antigo Testamento; a Idade do Filho, vivida pelos povos da Europa Cristã, que tinham em Roma o seu centro, e Idade do Espírito Santo, que seria um prolongamento da Idade do Filho, quando aconteceria a segunda vinda do Espírito Santo, profetizada pelo próprio Cristo no Evangelho de São João, onde dizia que depois dele viria o segundo consolador. Esta Idade seria o tempo da plena abundância, da liberdade, do pleno exercício da criatividade.

A vertente popular da Teoria do Quinto Império sobrevive, hoje; simbolicamente, nos cultos religiosos dos festejos ao Divino Espírito Santo. Nestes fes-

tejos, dá-se a coroação do Imperador, que é representado por um menino; os presos são soltos; os ricos distribuem comida entre os pobres. Simbolicamente, lembra Pedro, estes festejos simbolizam a expectativa messiânica da Idade de Ouro que virá.

—As crenças sebastianistas, lembra o antropólogo, foram fundamentais em dois importantes movimentos sociais brasileiros: a Guerra de Canudos, na Bahia, e a Guerra do Contestado, no Sul. Canudos, imortalizada por Euclides da Cunha, é bastante conhecida. Já o Contestado (1912-1916) ainda está a merecer estudos mais profundos, embora já contemos com livros muito importantes sobre o assunto, como o de Dúbia Teixeira Monteiro e de Maurício Vinhas Queiroz. Vale lembrar que, normalmente, se tomam estes movimentos, que reuniram um conjunto de idéias messiânico-utópicas, como tentendes para a direita. Esta idéia é simplificadora. E preciso levar em conta a formulação simbólica de profunda transformação que estes movimentos traziam.

A via erudita do Sebastianismo gerou, lembra Pedro, duas vertentes: uma saudosista, que encontrou apoio do governo salazarista português e assumiu claro tom conservador; e outra, que mobilizou Padre Vieira, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva, postulando uma visão transformadora do mundo. Certa vez, lembra o antropólogo, meu pai disse que "o Quinto Império é o que muitas pessoas chamam de uma sociedade sem classes".

Além da influência de Joaquim de Flora, Antônio Vieira, Fernando Pessoa, entre outros, Pedro aponta dois nomes que tiveram enorme importância no pensamento de seu pai: o anarquismo do russo León Tolstói, e as idéias pacifistas do indiano Mahatma Ghandi.

MISSÃO

Desde a juventude, Agostinho da Silva deu à sua existência uma função missionária. Professor secundário em Portugal, dedicava-se à preparação dos alunos, inculcando neles acentuadas doses de humanismo. Foi demitido do ensino público quando se negou a assinar atestado ideológico que exigia dos professores a confissão de que

não pertenciam a nenhuma sociedade secreta, nem pretendiam pertencer. "Meu pai, lembra Pedro, não pertencia a nenhuma sociedade secreta, mas queria ter o direito de pertencer". Quem lembra ele, pensou que esta medida do governo português pretendia revelar comunistas, se enganou. "Na realidade, eles estavam em busca de adeptos da maçonaria, para atender a interesses da Igreja Católica portuguesa, então extremamente conservadora e atrelada ao governo".

Na primeira fase do trabalho de Agostinho da Silva no campo editorial, ele atuou como tradutor do grego e, especialmente, do Latim. Traduziu obras clássicas da literatura latina e a partir de 1939, dedicou-se com entusiasmo a projeto editorial que se dividia em três séries: Volta ao Mundo, para o público juvenil; Iniciação, de aspecto enciclopédico, que falava da vida das abelhas, da embriologia dos pinguins, enfim de temas que ajudavam a melhor explicar a teoria da evolução das espécies; e Antologias, onde reunia trechos da obra de grande nomes da literatura universal, precedidos de boas e sintéticas introduções.

—Durante o fascismo, lembra Pedro, estas publicações serviram como uma verdadeira universidade para que as pessoas pensassem criticamente o obscurantismo.

Além de editar as três séries de livros, o professor Agostinho, afastado do magistério público, dava aulas particulares em casa e fazia palestras nos lugares mais diferentes: sindicatos, escolas, sedes de entidades camponesas. Certa vez, fora proferir palestra sobre a China, em determinado local. Ao chegar, soube que a Polícia Secreta havia proibido a palestra. O público interessado resolveu segui-lo, até sua casa. Ele entrou e se sentou. As pessoas continuaram postadas fora de casa, fazendo perguntas ao professor Agostinho, pela janela. A palestra aconteceu, de forma original: um diálogo pela janela.

A importância da coleção de livros editadas por Agostinho, nesta época, é destacada por Pedro: "Naquele tempo, Portugal tinha três forças civis: a Igreja Católica, que apoiava Salazar; o Partido Comunista Português, de Alvaro Cunhal, e os Cadernos editados por meu pai. Muita gente se educou contra o fascismo, lendo estes livros. O primeiro-ministro Mário Soares confessou, numa entrevista, que educou-se entre as idéias de Alvaro Cunhal e as de Agostinho da Silva. Ao optar por um socialismo democrático na linha das social-democracias europeias, Soares afirmou que, em sua formação, o peso maior veio mesmo dos ensinamentos do professor Agostinho.

No Brasil, em meados dos anos 50, Agostinho publicou o livro Reflexões à Margem da Literatura Portuguesa, que Pedro vê como um divisor de águas. "Meu pai, era, então, um homem recém-convertido ao Catolicismo". Nesta sua nova fase, ele dedicou-se, com paixão, a escritos orientados por um racionalismo místico. Para ele, o importante é ser o essencial de si mesmo".